

PANÓPTICO

Por Edson Tavares

Anetsia, estranho nome para uma mulher linda. Deve ser estrangeira. Sentada à mesa, no oposto da grande sala, coloca-se em cheio no foco de visão de Astolfo, que, protegido pelo panóptico providencial de uma coluna, pode admirar à vontade a bela dama. Os olhos do rapaz, de fixos, já não pestanejam... passeiam ansiosos pelo pescoço em que deslizam teimosos fios de cabelos que escapam à prisão feita ao acaso; o olhar embaça-se na curva acentuada dos seios, fartamente cedidos por generoso decote...

Suas anteninhas vibram ao sentir o sorriso que escapa daqueles lábios carnudos... Anteninhas?! Verdade, não sabe como, nem por quê, um par de antenas treme sobre a testa de Astolfo e a mesa parece cada vez maior e mais distante do seu alvo... Debate-se, procurando melhor posição para continuar sua observação, mas atrapalha-se nos três pares de pernas que sapateiam rápidas por sobre o tampo da mesa, tentando se proteger do vendaval produzido pelo ventilador de teto.

A minúscula formiga caiu, imperceptivelmente entre os fios de cabelo de Anetsia... um perfume inebriante, delicioso, penetrou pelas narinas do inseto com tal intensidade que a elas grudou, não importando quantas vezes passava as patas no nariz: aquele cheiro fez-se também dele, penetrou-lhe, trouxe-a para dentro de si.

Explorando o espaço inclinado, deslizando pé-de-lãmente, passa ao lado de dois lagos brilhantes, cercados de escuros fios que

brotam-lhe das margens e as protegem mas também as embelezam, em sua negritude e leve curvatura para fora.

O caminho vai se fazendo íngreme, até o encontro com dois belos e perfeitos montes, que o inseto faz questão de explorar, aproveitando-se da generosidade oferecida. Em círculos concêntricos e cada vez menores, vai se aproximando do cume de um dos elevados, onde se instala uma perfeita auréola, de cor mais escura que o restante do terreno, e que, inesperadamente, parece agora maior em seu ápice de que quando começara a escalada... na verdade, a formiga percebeu que o solo foi se fazendo levemente áspero, à medida que caminha em direção ao centro do monte.

Esgueirando-se entre o vale perfumado, a formiga foi descendo em direção ao desconhecido, atravessando longitudinalmente o – para ela – largo caminho, que estranhamente parecia ter movimentos próprios de subir e descer, até vislumbrar uma floresta estranhamente negra e, mais estranhamente ainda, atraente...

Encaminha-se para lá, vai, aos poucos e cuidadosamente, se enfiando pela mata densa, encontra seus caminhos, enquanto um cheiro ainda mais delicioso o atrai ao centro daquele espaço mágico: é uma caverna circulada por como que lábios, que terminam se encontrando nas extremidades; na superior, uma protuberância parece crescer, à medida que a formiga dela se aproxima – ao escalar aquela pequena elevação percebe uma enxurrada brotando das paredes da caverna, e em tal quantidade, que se derrama, inundando a extremidade oposta da caverna.

Sem mais conseguir se conter, o inseto deixa-se levar pela cachoeira de cheiros e oleosidade indescritíveis, perdendo-se para sempre no muito molhado que envermelha a caverna incandescente...

É ofegante que Astolfo se reencontra na mesa panóptica, e parece perceber, nitidamente, sob a blusa colorida de Anetsia, discretos biquinhos a marcarem o tecido, num evidente desejo de liberdade...



EDSON TAVARES (PARAÍBA-PERNAMBUCO) – Escritor. Professor de Literatura da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Dentre os livros publicados, destacam-se “Nítido como um girassol” – Metamorfoses do olhar em Alberto Caeiro, Avaníssima – a vida de uma estrela e Outra história da mesma coisa – este ainda inédito, a ser lançado este ano pela Eduepb.